

## EDITORIAL

Temos o prazer de publicar, neste número do **Boletim do Ceib**, artigo da Diretora do Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja da Conferência Episcopal Portuguesa, e doutora em História da Arte, Sandra Costa Saldanha.

O Brasil celebra neste ano de 2014, a morte do nosso maior escultor: Antônio Francisco Lisboa, mais conhecido como Aleijadinho. Seminários, congressos, lançamento de livros aconteceram em homenagem a esse grande mestre do período colonial brasileiro, entre eles, os de Ivo Porto de Menezes, Cristina Ávila e também vários artigos, como o de Célio Macedo Alves, publicado no último **Boletim do Ceib**. Novos dados importantes foram apresentados, como a data do seu batismo, no dia 26 de junho de 1737, conforme pesquisa e livro de Marcos Paulo de Souza Miranda.

Foi lançado, também, no último dia 20 de outubro, o livro didático *Estudos da escultura devocional em madeira*, de Beatriz Coelho e Maria Regina Emery Quites. As autoras, respectivamente presidente e vice-presidente do Ceib, esperam que o conteúdo seja útil aos que estudam ou se interessam pela imaginária feita nesse suporte.

Também em outubro, no dia 23, foi realizada a eleição da diretoria do Centro de Estudos da Imaginária Brasileira, para o período 2014-2016. Compareceram muito poucos associados, devido à distância em que mora a grande maioria, mas o número de votos enviados superou o das outras eleições realizadas até agora. Foi inscrita uma única chapa, tendo sido eleitos:

Presidente: Beatriz Coelho, Vice-presidente: Maria Regina Emery Quites, 1º secretário: Agesilau Neiva Almada, 2º secretário: Bruno Perea Chiossi, 1ª tesoureira: Daniela Cristina Ayala, 2ª tesoureira: Carolina Maria Proença Nardi.

Esperamos contar com críticas, comentários e sugestões, que possam ajudar a melhorar as atividades de nossa associação.

Essa diretoria, recém eleita, deseja a todos os seus associados e familiares um Natal repleto de amor, união e harmonia e um ano de 2015 cheio de felicidades e realizações.

## SALVADOR FRANCO DA MOTA (1740-1771) De escultor a engenheiro, o percurso de um artista entre Mafra e o Rio de Janeiro

Sandra Costa Saldanha\*

Foto: Nuno Saldanha



*Interior da basílica de Nossa Senhora e Santo António, Mafra, Portugal.*

### A AULA DE ESCULTURA DE MAFRA

Inaugurada em 1752 a vasta empreitada de substituição dos painéis retabulares da basílica de Nossa Senhora e Santo António em Mafra, inicia-se, em torno da figura tutelar de Alessandro Giusti (1715-1799), um sistema pedagógico singular, consolidado por uma prática profissional e artística continuada. Nascida da necessidade de execução dos baixos-relevos da basílica, a Aula de Escultura de Mafra beneficia, assim, de uma estreita relação com essa componente prática, garantindo, deste modo, a necessária componente formativa, exercitada na própria obra.

Num total de vinte e dois painéis em baixo-relevo, distribuídos entre onze retábulos e outras tantas lunetas, Giusti terá trabalhado activamente na realização de nove dessas obras, em concreto nos painéis destinados às capelas da nave e transepto, bem como naquele colocado numa das capelas colaterais. Assumindo, assim, a informação concedida por Cirilo Volkmar Machado, dando conta da inauguração das obras a “*Cada dous annos*” (Machado, 1823: 261), Giusti seria

responsável pela concepção dos seguintes baixos-relevos:

#### Nave

*Santos Bispos* 1753-1755

*Santo Cristo* 1755-1757

*Nossa Senhora do Rosário* 1757-1759

*Santas Virgens* 1759-1761

*Santos Mártires* 1761-1763

*Santos Confessores* 1763-1765.

#### Transepto

*Sagrada Família* 1765-1767

*Coroação de Nossa Senhora* 1767-1769.

#### Colateral

*Nossa Senhora da Conceição*  
1770-1778.

À sombra de um apoio régio efectivo e dotada de uma metodologia própria, a existência de uma estrutura organizada em Mafra é, desde logo, enunciada pela forma como o mestre esquematizou todo o processo de trabalho. Garantindo os aspectos essenciais do ciclo formativo, da idealização à execução das obras, são inequívocos os sinais de implementação metódica das três etapas fundamentais do processo criativo - desenhar, modelar e esculpir.

Foto: Sandra Costa Saldanha



*Réplica de Laocöonte (porm.).  
Material de estudo da Aula de Escultura  
de Mafra. Palácio Nacional de Mafra.*

Com o cargo de Mestre Escultor da Real Obra de Mafra, a Giusti competia a idealização e delineamento das obras, mas também a modelação dos respectivos *bozzetti*. A “Invenção Poética, a composição em desenho; e modelar em barro o primeiro boceto”, a que se refere Machado de Castro (Castro, 1810: 225). Nesse sentido, Giusti transportaria para Portugal as práticas criativas que conheceu em Itália, portanto, o entendimento do desenho enquanto etapa fulcral do processo escultórico. Por outro lado, ao mestre competia também a modelação dos primeiros estudos, com vista à sua transposição ao mármore. Tarefa a que deverá ter-se dedicado desde o início dos trabalhos, mesmo após o ingresso de Machado de Castro como seu ajudante, “já mais acabou modelo, que não desmanchasse muitas vezes” (Castro, 1810: 38). Com efeito, será justamente nesses trabalhos preparatórios que melhor se reconhece o domínio técnico do mestre e os valores próprios da sua obra.

A tarefa de modelação acabaria, no entanto, por ser repartida com Machado de Castro, a partir de 1756. De facto, quando Giusti se instala em Mafra, não encontra em Portugal um sistema de ensino estruturado no domínio da escultura, que lhe permitisse recrutar ajudantes convenientemente preparados. Recorrendo à mão-de-obra disponível, serão três os seus primeiros colaboradores: Francisco Alves Canada, Pedro António Avogadri e Joaquim Machado de Castro.

Francisco Alvares Canada, o primeiro colaborador recrutado por Giusti, tinha a seu cargo a tarefa de preparar os blocos de mármore e proceder ao seu desbaste

Foto: Paulo Almeida Fernandes



*Retábulo das Santas Virgens (porm.). Mármore, 1759-1761.  
Basilica de Nossa Senhora e Santo António, Mafra.*

inicial. A passagem dos modelos idealizados ao mármore, aspecto mais directamente ligado ao exercício da escultura, seria confiada nesta fase ao escultor lujanês Pedro António Avogadri. Iniciados os trabalhos, Machado de Castro juntar-se-ia a este primeiro grupo em 1756, como referido. Partilhando com o mestre as funções de modelador, será pois, entre os seus oficiais, aquele que mais estreita articulação criativa opera com Giusti.

Intervenção de grande envergadura - que, desde logo, obrigava à implementação de uma hierarquia sólida e de um trabalho disciplinado - o avolumar dos trabalhos justificaria também o recrutamento sucessivo de aprendizes, que a longo prazo pudessem assegurar a continuação daquela vasta empreitada. Ingressando em dois períodos distintos, o início de cada retábulo constituía elemento mobilizador de novos discípulos. Integrados pela mão do mestre, muitos foram também aqueles admitidos entre os jovens mafrenses que, em torno da Real Obra, procuravam uma oportunidade de trabalho.

Deste modo, inaugurado o primeiro retábulo em 1755, contava o mestre com o que deverá ter sido a primeira classe da Aula, composta por seis aprendizes. Iniciavam-se então nas lides escultóricas Roberto Luís Silva Campos, Alexandre Gomes, Lourenço Lopes, José Joaquim

Leitão e Salvador Franco da Mota. Nomeados como “aprendizes no Tilheiro do Baixo Relevo” ou “aprendizes do Relevo do baixo”, os primeiros discípulos deverão ter ascendido a oficiais em 1764. Com efeito, ultimado o sexto painel, Giusti solicitava então que fossem aumentados os vencimentos dos seus aprendizes (Saldanha, 2012: 565-566). Époça a que se seguirão novas admissões, cumpria-se deste modo um primeiro ciclo de aprendizagem, vinculando o discípulo à Aula por um período médio de dez anos.

Outro aspecto, porém, constitui matéria da maior relevância, neste périplo por entre a estrutura e organização dos trabalhos na Aula de Escultura de Mafra: os seus materiais de estudo. Elementos essenciais na formação dos diversos discípulos que por ali passaram, muitos deles chegariam mesmo a ser transferidos para os estabelecimentos seguintes, nomeadamente para a Casa de Escultura das Obras Públicas, em Lisboa. Meios “de chegar á Esculpura”, como os qualifica Francisco de Assis Rodrigues (Rodrigues, 1829: 11), neles se destaca uma série de gravuras e, sobretudo, uma importante colecção de modelos em gesso, ainda preservada em Mafra.

Sem informações consistentes quanto à sua origem, é de supor que na génese



Foto: Nuno Saldanha



*Retábulo da Sagrada Família. Mármore, 1765-1767.  
Basílica de Nossa Senhora e Santo António, Mafra.*

deste acervo tenham estado os intentos de D. João V de estabelecer em Portugal uma Academia de Desenho, nomeadamente as diversas cópias de escultura clássica comissionadas para o efeito. Obras que deveriam servir de modelo aos artistas, a elas se refere Joaquim Machado de Castro no seu *Discurso sobre as utilidades do desenho*. Evocando esse desejo do Magnânimo, recorda então a encomenda a Roma desses “geços extrahidos das melhores Estatuas que há naquella Capital do Mundo.” (Castro, 1788: 12).

Destinados sobretudo à prática do desenho, a relevância desta etapa pedagógica é sustentada com especial empenho por Machado de Castro. Segundo afirma, “depois de soffrivel adiantamento em desenhar por Estampas, ou Debuxos, deve o Applicado passar a desenhar por

objectos de vulto; principiando por cabeças, mãos, pés, até chegar a desenhar figuras inteiras” (Castro, 1838: 14). Neste quadro, Mafra desempenha um papel de incontornável relevância, elevando a disciplina a um estatuto curricular de primeira ordem.

Peças em barro e gesso, resultam fundamentais para a reconstrução do modelo de ensino implementado por Giusti. Concedendo um enfoque sem dúvida mais académico ao estudo dos originais, constituíam portanto um elemento formativo essencial, integrando-se entre os materiais de estudo da Aula de Mafra.

E assim, reconhecida a importância da escultura Antiga, “para adquirir um

estilo de desenhar correcto, e elegante”, copiando “modélos dos Auctores mais conhecidos, e famigerados, até que se adquira os conhecimentos do vulto” (Rodrigues, 1829: 10, 14), perduram ainda em Mafra diversas réplicas de obras referenciais da escultura greco-romana, maneirista e barroca, para além de vários bustos e outros elementos de estudo. Modelos frequentemente copiados em contexto académico um pouco por toda a Europa, constituíam a primeira, e normalmente a única, via de contacto dos escultores nacionais com a Antiguidade clássica. Para além destas obras, a colecção integrava também um conjunto de réplicas de escultura maneirista e barroca do maior interesse. Testemunhos únicos de uma prática pioneira no contexto do ensino da escultura em Portugal, é manifestamente escassa a atenção que lhes tem sido concedida.

#### SALVADOR FRANCO DA MOTA

Outro dos aspectos a que a historiografia menos atenção tem concedido, no contexto da Aula de Escultura de Mafra, é justamente ao grupo de aprendizes, ajudantes e outros colaboradores que, em torno de Alessandro Giusti, desenvolveram a sua formação. Desinteresse certamente motivado pelo desconhecimento de obra relevante, que conceda a cada um lugar próprio no panorama da arte portuguesa, facto é que permanecem quase todos anónimos e de biografia obscura. Será, pois, neste quadro, que se inscreve o nome de Salvador Franco da Mota, artista mafrense que viria a terminar os seus dias no Brasil. Recebido na Aula de Giusti em 1756, o mesmo ano em que ingressa também na Ordem Terceira da Penitência, nunca deverá ter ascendido a ajudante do mestre, colaborando nos trabalhos escultóricos da basílica durante sete anos (Machado, 1823: 262). Assistindo à realização de quatro retábulos - *Santo Cristo*, *Nossa Senhora do Rosário*, *Santas Virgens* e *Santos Mártires* - revelar-se-á, a partir de então, particularmente conturbado o seu trajecto.

Percurso que tem início com a expulsão da Ordem Terceira da Penitência de Mafra, a 13 de Fevereiro de 1763, ao escultor eram então retirados os votos, por unanimidade de todos os membros da Mesa. Sanção aplicada, em igual medida, a sua mãe e irmã, o termo de recepção do acusado seria mesmo riscado no livro de assentos, onde se lê o seguinte averbamento: “Este Irmão está expulso da



Foto: Nuno Saldanha



*Modelo para o retábulo de Nossa Senhora do Rosário. Gesso, 1757-1759  
Basílica de Nossa Senhora e Santo António, Mafra.*

ordem, por votos, por cauza de fazer coisas q. estavam má a elle e a ordem, e de não ter boa vida, e peores costumes” (Saldanha, 2012: 528).

Sem que se esclareçam as “culpas q se lhe descobrirão”, facto é que o delicto motivaria também o seu despedimento da Aula de Escultura, nesse mesmo ano de 1763. E assim, corroborando o que já Cirilo Wolkmar Machado informara, ao revelar que Salvador Franco da Mota fora “despedido por travessura” (Machado, 1823: 262), o seu afastamento é ainda atestado pelo facto de não constar no elenco de aprendizes em 1764.

Com uma intervenção por certo exígua, a passagem deste jovem aprendiz pela Aula de Escultura de Mafra viria, porém, a

revelar-se de especial relevância no processo de reconstituição dos esquemas de ensino ali instituídos. Nesse sentido, uma interessante informação concedida por Joaquim Machado de Castro em 1778, é particularmente elucidativa quanto à fiscalização dos trabalhos e sanções previstas na Aula. Enaltecendo a aplicação ao trabalho dos seus ajudantes em Lisboa (antigos aprendizes de Giusti, desempregados desde a paragem das obras públicas em 1777), lembra que em Mafra a negligência dos discípulos ao estudo previa uma punição “ao arbitrio do Mestre, athe serem reclusos em cadeya, sendo preciso; e na falta da emmenda serem degradados p.<sup>a</sup> os Estados da India.” Deixando antever o atento escrutínio do monarca sobre aquela estrutura de

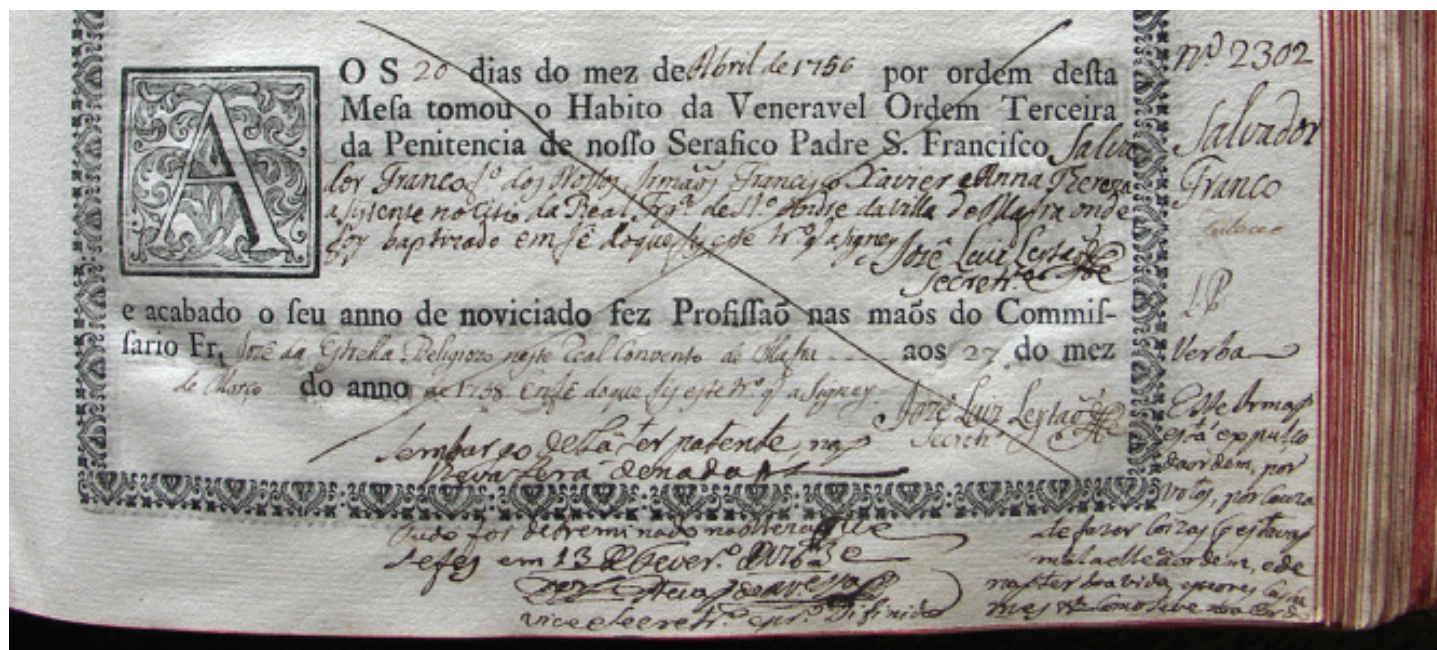
ensino, Machado de Castro ilustra a situação, justamente, com o caso de Salvador Franco da Mota, esclarecendo ainda que tal ouvia “dizer ao mesmo Mestre, e ao Escrivão das Reaes Obras daquella Villa, e o vi praticado, em parte, Discipulo Salvador Franco, q.<sup>e</sup> por defeitos de applicação chegou a estar prezo” (Faria, 2008: 72).

Afastado dos estaleiros mafrenses, será de novo Cirilo quem adianta que este discípulo de Giusti acabaria os seus dias com o posto de tenente-coronel (Machado, 1823: 262). Com efeito, corroborando uma vez mais as informações do cronista, sabe-se agora que, sendo ainda aprendiz em Mafra, desenvolveria também os seus estudos de engenharia. Discípulo de número da Academia Militar da Corte, seria nomeado a 6 de Maio de 1766 ajudante de infantaria com exercício de engenheiro, juntamente com Isidoro Paulo Pereira (Viterbo, 1899: I, 374; 1962: 33), futuro colaborador de Guilherme Elsdén. Ano a partir do qual se encontra documentada a actividade de Franco da Mota no Brasil (Bueno, 2003), aplicando certamente a sua habilidade e conhecimentos adquiridos no exercício do desenho, ao início desta nova etapa profissional remonta a feitura de uma conhecida carta aguarelada da capitania do Rio de Janeiro “tirada por ordem do Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sñr. Conde da Cunha pelo Cap.<sup>m</sup> Eng.<sup>ro</sup> Salvador Franco da Motta no Anno de 1767. Junta-se assim à lista de engenheiros militares com actuação em capitanias brasileiras, muitos dos quais com uma sólida formação e experiência artística, como foram os casos de João Nunes Tinoco, Miguel Angelo Blasco ou Antonio José Landi (Bueno, 2003: Anexo I).

Período possivelmente marcado por outras contrariedades, facto é que Salvador Franco da Mota retornará a Lisboa, mas agora como recluso na cadeia do Limoeiro. Ora, retomando o esclarecimento concedido por Machado de Castro em 1778, verifica-se que a Salvador Franco da Mota eram aplicadas as duas penas previstas, a prisão e o degredo, não para “os Estados da India”, mas “desterrado para os confins guaporeanos” (Anais, 1967: 74), em concreto para a capitania do Mato Grosso, onde este mafrense acabará os seus dias.

Numa altura em que era já capitão de infantaria, com exercício de engenheiro, Martinho de Melo e Castro ordenaria que o recluso embarcasse na fragata Nossa Senhora da Graça, a 7 de Outubro de 1771, “que sua Magestade por hum efeito da sua Real clemencia, mandou tirar das cadeas do Limoeiro”. Jornada “m.<sup>io</sup> penoza”, no dizer do próprio Franco da





*Termo da recepção e profissão de Salvador Franco na Ordem Terceira da Penitência de Mafra. 1756-1758. Arquivo da Irmandade da Ordem Terceira da Penitência de Mafra. Livro das recepções e profissões da irmandade da Ordem Terceira da Penitência de Mafra. N 2, fl.11.*

Mota - com passagem pelo Rio de Janeiro e rumo ao Mato Grosso - seria recebido por Luís Albuquerque de Pereira e Cáceres (1739-1797), governador dessa capitania, a 13 de Dezembro de 1772 (Saldanha, 2012: 533-534).

Sobre esta segunda estadia no Brasil, será pelo seu próprio punho que tomamos conhecimento do sucedido. Como esclarece em ofício que dirige a Martinho de Melo e Castro (com vista ao aumento do seu soldo), saindo do Rio de Janeiro a 17 de Maio, a “5 de Dezembro de 1772 cheguei a esta capitania de Matto Grosso, com o meu general gastando desde o dia do meu embarque, athe a chegada desta 14 mezes” (Saldanha, 2012: 531). Trabalhando “desde q. cheguei ao Ryo de Janr.º athe ao prez.º”, informa ainda ter sido um itinerário “mui curioso, e útil”, durante o qual elaboraria “um Mapa Geografico” (Araújo, 1822: IX, 94-95).

De facto, dando conta de uma intensa e diligente actividade durante a referida viagem - sem “huma só hora de descanso”, como alega, “pois só cuidarei em executar tudo como devo com o mayor zelo e exacção” - informa Salvador Franco que, tendo feito esta jornada por sua conta, a maior parte da ajuda de custo “foi p.ª papel lapis tintas e outras mais p.ª eu ter com q. trabalhar” (Saldanha, 2012: 533).

Sempre na companhia de Pereira e Cáceres, a este responsável competia manter informado o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar quanto ao “comportamento, e conduta, que nesta

Capitania observa-se o Capitão Engenheiro Salvador Franco da Motta”. Comunicando que o enviaria numa expedição ao rio Paraguai, para examinar alguns locais e avaliar a possibilidade de ali se construir uma nova povoação e fortaleza (Araújo, 2012: 65), informa ainda, logo em Julho do ano seguinte, que Franco da Motta procedia então “com aquela direitura, e regularidade” que desejava.

Já ao fim de um ano, porém, advertia o responsável: “de certo tempo a esta parte, se tem hum pouco desviado do verdadeiro caminho que devia seguir; e da precisa boa fê e integridade”. Considerando Franco da Motta indigno “da menor confidencia”, apontando-lhe uma “inclinação malicioza”, que atribui a “hum dom da natureza claramente”, encara por fim a necessidade “d’algum violento

Foto: publicada em pdallier.blogspot.pt



*Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição, Rio de Janeiro, Brasil.*



remedio de castigo, se não se corregir” (Saldanha, 2012: 534).

Com 34 anos de idade, este discípulo de Alessandro Giusti viria a falecer no Rio de Janeiro, a 16 de Julho de 1774, na fortaleza de Nossa Senhora da Conceição, depois de “padecer molestias varias com alguma afecção Cachetica de que ultimamente rezultou huma confirmada hidropezia” (Saldanha, 2012: 535).

Sintoma da prática de uma actividade continuada, iniciada em Mafra na Aula de Escultura, seria o mesmo Pereira e Cáceres quem, num reconhecimento póstumo das suas competências asseverava: “acabou a vida na honrada mortificação de trabalhar muito, por cumprir as molestas applicações do seu emprego nestes funestos climas”. Solicitando então à Secretaria de Estado um profissional que o substituisse, daria conta dos encargos efectivamente atribuídos, sublinhando a necessidade de possuir, não apenas os “devidos conhecimentos Mathematicos”, como ainda “pericia do desenho (...) em grau sofficiente para poder construir, ou pelo menos pôr em limpo as diversas cartas e Planos que eu deveria hir mandando à Real Prezença” (Saldanha, 2012: 535).

Não chegando a desenvolver, ao que sabemos, uma actividade consolidada no domínio da escultura, a formação e a prática artística de Salvador Franco da Mota em Mafra, em muito deverão ter contribuído para o êxito da sua actividade profissional. Alcançando o estatuto de oficial engenheiro com maior graduação na capitania do Mato Grosso, interessará agora explorar, com este ponto de partida, a possível actividade artística deste discípulo de Giusti, durante os anos de permanência no Brasil.

## Bibliografia

ANAIIS do Congresso comemorativo do bicentenário da transferência da sede do governo do Brasil da cidade do Salvador para o Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. 1967. Vol. 2.

ARAÚJO, José de Souza Azevedo Pizarro de - *Memórias Históricas do Rio de Janeiro e das Províncias Anexas a Jurisdição do Vice-Rei do Estado do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1822. Tomo IX.

ARAÚJO, Renata - Os mapas do Mato Grosso: o território como projecto. *Agendas para a História da Cartografia*

*Iberoamericana*. 3º Simpósio Iberoamericano de História da Cartografia. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010, p. 1-13.

ARAÚJO, Renata - A urbanização da Amazônia e do Mato Grosso no século XVIII povoações civis, decorosas e úteis para o bem comum da coroa e dos povos. *Anais do Museu Paulista*. Vol. 20. N.º 1 (Jan.- Jun. 2012) p. 41-76.

BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira - *Desenho e Designio - O Brasil dos Engenheiros Militares (1500-1822)* [texto policopiado] São Paulo: [s.n.] Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Universidade de São Paulo, 2003.

CASTRO, Joaquim Machado de - *Descrição Analytica da Execução da Real Estatua Equestre do Senhor Rei D. José I*. Lisboa: Impressão Régia, 1810.

CASTRO, Joaquim Machado de - *Dicionário de Escultura*. Lisboa: Livraria Coelho, 1937 (ms. 1838).

CASTRO, Joaquim Machado de - *Discurso sôbre as utilidades do desenho*. Lisboa: António Rodrigues Galhardo, 1788.

CATALOGO da exposição de historia do Brazil realizada pela Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro a 2 de dezembro de 1881. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & filhos, 1881.

FARIA, Miguel Figueira de - *Machado de Castro (1731-1822): Estudos*. Lisboa: Livros Horizonte, 2008.

MACHADO, Cirilo Volkmar - *Collecção de Memórias Relativas às Vidas dos Pintores, e Escultores, Architetos e Gravadores Portugueses, e dos Estrangeiros, que Estiverão em Portugal*. Lisboa: Imp. de Victorino Rodrigues da Silva, 1823.

PEREIRA, José Fernandes. *A escultura de Mafra*. Lisboa: Ippar, 2003.

RIBEIRO, Duarte da Ponte - *Exposição dos trabalhos historicos, geographicos e hydrographicos que serviram de base à Carta geral do imperio exhibida na Exposição Nacional de 1875*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1876.

RODRIGUES, Francisco de Assis - *Memoria d’Esculptura apresentada e preferida no concurso para o provimento do lugar de Professor Substituto da Aula e Laboratório d’Esculptura*. Lisboa: Impressão Régia, 1829.

SALDANHA, Sandra Costa - *Alessandro Giusti (1715-1799) e a Aula de*

*Escultura de Mafra* [texto policopiado] Coimbra: [s.n.] 2 Vols. Tese de Doutorado em História, variante História da Arte apresentada à Faculdade de Letras Universidade de Coimbra, 2012.

VITERBO, Sousa - *Dicionário histórico e documental dos architectos, engenheiros e construtores portugueses*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1899. 3 Vols.

\***Sandra Costa Saldanha** é doutora em História da Arte, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; investigadora no Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património da mesma Universidade; Directora do Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja da Conferência Episcopal Portuguesa. Professora convidada na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e na Escola Superior de Design do IADE-U. Dedicar-se particularmente ao estudo da escultura portuguesa setecentista.

## CEIB

Presidente de Honra: Myriam A. Ribeiro de Oliveira;  
 Presidente: Beatriz Coelho;  
 Vice-Presidente: Maria Regina Emery Quites;  
 1º Secretário: Agesilau Neiva Almada;  
 2º Secretário: Bruno Perea Chiossi;  
 1ª Tesoureira: Daniela Cristina Ayala;  
 2ª Tesoureira: Carolina Maria Proença Nardi;  
 Auxiliar administrativo: Marisia Flores.

## ENDEREÇO

Avenida Antônio Carlos, 6627.  
 31.270-010, Belo Horizonte, MG,  
 Tel: (55) 31 3409-5290  
 ceib@ceib.org.br; Site: www.ceib.org.br  
 Facebook: Ceib

## BOLETIM

ISSN: 1806-2237;

Projeto gráfico, arte e editoração:  
 Helena David (*In memoriam*),  
 Beatriz Coelho; Tiragem 500 exemplares;  
 Periodicidade: quadrimestral

*Os artigos assinados são de responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente a opinião do BOLETIM DO CEIB.*

*É permitida a reprodução de fotos ou artigos desde que citada a fonte.*